

A segunda noite do Hollywood Rock no Rio traz hoje Dr. Sin, Engenheiros, L7 e Nirvana.



Gravação de cena de novela

"Mulheres de Areia" usa tecnologia inédita para que Glória Pires possa contracenar consigo mesma.



A banda Screaming Trees

A Sony lança no Brasil "Sweet Oblivion", do Screaming Trees, o "avô" do Nirvana.

Antonio Callado escreve sobre a tragédia de Marli Pereira Soares, cujo filho foi assassinado.

ilustrada

Sábado, 23 de janeiro de 1993 |

Órfãos do Tropicalismo dão as caras em 93

Músicos cariocas lançam a 'Retrôpicália', tentando recriar o movimento iniciado por Caetano e Gil em 67

Foto: Antonio Baltha/Tôpa Imagem

QUEM SÃO OS 'RETRÓPICALISTAS'

Influências musicais vêm de Caetano, Gil e Rita Lee

ARÍCIA MESS

Cantora e compositora, 33 anos
Instrumentos: Violão, bongô e coraja
Influências: Gilberto Gil, Rita Lee, James Brown, Prince, Etta James
Repertório: Vinte composições próprias, além de canções de Gil, Caetano e Bob Marley, entre outros.
Carreira musical: Gravou "backing vocals" para Marina, Claudio Zoli, Sérgio Mendes e Fábio Fonseca. Cantou em shows de Fernanda Abreu e do Kid Abelha.

ANTÔNIO SARAIVA

Violonista, arranjador e compositor, 32 anos
Outros instrumentos: Saxofones, flauta e teclados
Influências: Rogério Duprat, Gil Evans, Cartola
Repertório: Tem 35 composições próprias
Carreira musical: Já gravou com os grupos Cidade Negra, João Pena & Seus Miquinhos, Amestrados e Beijo à Força. Tocou na trilha da novela "O Dono do Mundo".

MATHILDA KÓVAK

Compositora e vocalista, 33 anos
Instrumentos: Violão
Influências: Rita Lee, Screaming Jay Hawkins e Norma Jean (cantora-personagem de Jô Soares)
Repertório: Mais de 200 canções próprias e com vários parceiros
Carreira musical: Em 85 fundou a banda Os Mathildas, que gravou o "jingle" "Com a Máscara", em 89. Tem 12 canções suas no último álbum de Fábio Fonseca. Está compondo com Rita Lee.

PEDRO LUÍS

Guitarrista e compositor, 32 anos
Outros instrumentos: Violão e viola caipira
Influências: Caetano Veloso, Itamar Assumpção, Bob Marley, Talking Heads, The Clash
Repertório: Já compôs cerca de 100 canções
Carreira musical: Fez parte do grupo Co-brasão e da banda Paris 400. Formou há sete anos a banda Urge, que gravou seu álbum de estreia em 91.

SUELY MESQUITA

Cantora e compositora, 32 anos
Instrumentos: Piano
Influências: Caetano Veloso
Repertório: Cerca de 40 canções com vários parceiros, além de outras de Rita Lee, Luz Melóia e Cole Porter
Carreira musical: Foi vocalista dos grupos Couro Come e Prapatel. Há dois anos formou o Melodia Americana, duo com o guitarrista André Procião.

INDIFOLHA

CAETANO VELOSO COMPOZ MAIS CANÇÕES

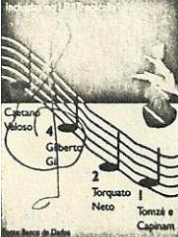


Foto: Sérgio de Moraes

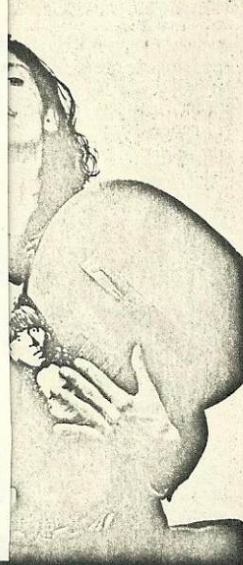


Versões transexuais

"Os órfãos da Tropicália resolveram dar as caras. E, como rezam os estatutos da pós-modernidade, resolveram recriar, reciclar uma época que não pode ser esquecida", diz Mathilda Kóvak, mentora do projeto. Com humor e irreverência, ela se denomina "a Hélio Oiticica da escola 'art deco-cô', inventora do 'parangolelé', uma camisa-de-força para usar num momento de fraqueza".

A idéia nasceu no final de 91, quando Mathilda assistiu um show da cantora e compositora Suely Mesquita, hoje adepta do grupo. "Achei que ela parecia tanto com o Caetano, que até escrevi um texto. Ela leu e ficou muito emocionada. Me disse que sempre teve uma ligação muito grande com o Caetano, mas nunca tinha assumido", lembra Mathilda, que pouco depois conheceu Arícia. "Ela é uma verdadeira Gilberto Gil de saias", compara.

Essas coincidências acabaram resultando em um manifesto — "uma manifestista", prefere Mathilda. Nesse texto, além das "versões transexuais de Caetano e Gil", Mathilda também anuncia as adesões de Antonio Saraiva ("o Rogério Duprat deste fim de milênio"), de Pedro Luís ("um Sérgio Baptista com Allman Brothers e Sid Vicious") e do compositor Luís Capucho ("um híbrido de Caetano e Jean Genet").



O arranjador Antonio Saraiva (acima, à esq.), a compositora e 'de-mentora' do grupo, Mathilda Kóvak (no sentido horário), o violonista Pedro Luís e a cantora Arícia Mess mostram suas canções influenciadas pelo Tropicalismo na próxima semana

Movimento foi meteorico

Da Redação

A Tropicália emprestou seu nome de um projeto ambiental homônimo do artista plástico Hélio Oiticica, exposto em abril de 1967, no MAM do Rio. Mas ainda não tinha sido batizada quando mostrou sua cara pela primeira vez, no 3º Festival da Música Popular Brasileira, promovido pela TV Record, em outubro de 1967.

As canções "Alegria, Alegria" (de Caetano Veloso) e "Domingo no Parque" (de Gilberto Gil) traziam inovações poéticas e sonoras que se diferenciavam muito da MPB criada até aquele momento. Liderado por Caetano e Gil, o movimento resgatou a "antropo-

fagia" do Modernismo de 22, misturando imagens da cultura pop e da "cafonice" nacional, humor, procedimentos de paródia, ruídos, a eletrificação do rock e elementos da música de vanguarda, além de recursos visuais e cênicos do "happening".

Um de seus marcos musicais mais expressivos foi o LP "Tropicália ou Panis et Circensis". Gravado em maio de 1968, destacava em sua capa a linha de frente tropicalista: Caetano, Gil, Gal Costa, Tomazé, Torquato Neto, Mutantes, Capinam e Rogério Duprat. Mas foi um movimento tão meteorico quanto explosivo. Com o exílio dos líderes Caetano e Gil, em 1969, o Tropicalismo virou história. (CC)

Projeto é sério mas nem tanto

Da Redação

A pouco ortodoxa linha evolutiva da música popular brasileira parece ter aprontado outra das suas surpresas. Uma refração tardia do Tropicalismo já havia aparecido no final dos anos 70, em São Paulo. Liderada por Arrigo Barnabé, a alternativa "geração Lira Paulista" chegou a ser chamada de neotropicalista.

Mais de uma década depois, as sementes do movimento parecem reutilizar no Rio. "Quem lê tanta novidade, notícia 'Onde se guarda tudo isso?', pergunta a canção "Tudo", de Suely Mesquita, como um eco distante da pioneira "Alegria, Alegria". Mas a filiação dos "retropicalistas"

não é só temática. Traços físicos à parte, Arícia Mess absorveu mesmo de Gilberto Gil o "approach" rítmico de sua poesia — a ponto de preferir compor batucando do que usar o violão. Também chamam atenção os arranjos criativos de Antonio Saraiva que, sem qualquer intenção de decalcar Rogério Duprat ou Jullio Medaglia, revelam uma apropriação retomada da tradição instrumental brasileira.

E como não podia faltar a uma autodeclarada "órfã" de Rita Lee, há ainda o humor desenfadado e satírico de Mathilda Kóvak, indicando que a "Retrôpicália" é um projeto sério que, como bom tropicalista, não se leva muito a sério. (CC)

CARLOS CALADO

Crítico de Música

Caetano Veloso e Gilberto Gil prometem gravar um disco juntos. Gal Costa acaba de lançar uma nova versão da canção-manifesto "Tropicália". Rita Lee e Sérgio Baptista esboçam uma reaproximação dos Mutantes. Se em 1992 os 25 anos do Tropicalismo não chegaram a ser festejados, esses e vários outros fatos indicam que em 93 o último grande movimento estético da música popular brasileira voltou à ordem do dia.

"Comemorar 26 anos do Tropicalismo é até mais tropicalista", ironizou o próprio Caetano ao anunciar seu projeto com Gil. Um grupo de compositores e músicos do Rio de Janeiro também aderiu à onda de revisão tropicalista. O show da cantora Arícia Mess — dias 29 e 30, no bar Dueré, em Niterói — servirá de plataforma de lançamento do que eles consideram uma versão anos 90 do movimento: a "Retrôpicália".

"Não é um 'remake', muito menos 'cover'. Não vamos botar uns cabelos e refazer o Caetano, o Gil ou a Gal, mas a ideia logo o arranjador e saxofonista Antonio Saraiva que, junto com o guitarrista Pedro Luís, acompanha Arícia em composições próprias, como o rap "Pé na Cova", a afro-nipônica "Takumandaskalcialina", ou ainda a canção-título do show, "Superlegai" — a "Superbucana" da "Retrôpicália".

Versões transexuais

"Os órfãos da Tropicália resolveram dar as caras. E, como rezam os estatutos da pós-modernidade, resolveram recriar, reciclar uma época que não pode ser esquecida", diz Mathilda Kóvak, mentora do projeto. Com humor e irreverência, ela se denomina "a Hélio Oiticica da escola 'art deco-cô', inventora do 'parangolelé', uma camisa-de-força para usar num momento de fraqueza".

A idéia nasceu no final de 91, quando Mathilda assistiu um show da cantora e compositora Suely Mesquita, hoje adepta do grupo. "Achei que ela parecia tanto com o Caetano, que até escrevi um texto. Ela leu e ficou muito emocionada. Me disse que sempre teve uma ligação muito grande com o Caetano, mas nunca tinha assumido", lembra Mathilda, que pouco depois conheceu Arícia. "Ela é uma verdadeira Gilberto Gil de saias", compara.

Essas coincidências acabaram resultando em um manifesto — "uma manifestista", prefere Mathilda. Nesse texto, além das "versões transexuais de Caetano e Gil", Mathilda também anuncia as adesões de Antonio Saraiva ("o Rogério Duprat deste fim de milênio"), de Pedro Luís ("um Sérgio Baptista com Allman Brothers e Sid Vicious") e do compositor Luís Capucho ("um híbrido de Caetano e Jean Genet").

Verdadeiro rock'n'roll

A introdução do manifesto é bombástica. Afirma que nada de novo aconteceu na MPB após a Tropicália. "Se no circuito independente ele até continuava a se expandir, no 'mainstream' o tropicalismo evoluiu menos do que prometeu." Para Mathilda, o tropicalismo pode ser utilizado hoje como "uma forma, um meio". "Ele é uma praia, como o rock'n'roll, o blues ou o jazz. É o nosso verdadeiro rock'n'roll", afirma.

A nova parca de Rita Lee pretende que outros músicos e artistas se juntem aos pioneiros "retropicalistas". "Nossa lei é evoluir, é crescer, multiplicar. É pegar uma coisa que já existe e transformar em outra", diz Mathilda, que se declara "órfã da Tropicália". "Até os anos 70, este século esteve povoado por visionários. A década de 90 — 60 ao contrário — será a década da retrospectiva do século. Agora é a vez dos revisionistas." (CC)